

As frases sem efeito

MARILENA ROCHA

As negociações partidárias iniciadas em 15 de novembro em torno das candidaturas de Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva teriam poucas chances de prosperar, caso as partes envolvidas nos acordos ainda incipientes se dessem ao trabalho de folhear os jornais de até um ano atrás. Lula, por exemplo, agrediu e foi várias vezes agredido pelo ex-governador Leonel Brizola, enquanto Collor empreendeu uma campanha de total desprezo às candidaturas do PDS e PL. Em resposta, recebeu de Paulo Maluf e Guilherme Afif Domingos críticas veladas, a princípio, e ferozes na etapa final do primeiro turno.

Os desentendimentos entre Lula e Brizola já se arrastam há pelo menos quatro anos. Ao participar de uma reunião plenária de militantes petistas no Rio, em 13 de dezembro de 1985, Lula fez uma declaração considerada imperdoável pelo então governador do Rio de Janeiro: "Ele seria capaz de pisar no pescoço da mãe para ser presidente". Bastante ofendido, Brizola exigiu que Lula se desculpasse publicamente. Lula se fez de rogado e a reconciliação só se deu em julho de 1987. Foi no congresso do Socialismo Democrático do PDT, em Brasília. Lula participou como presidente do

PT e ao final abraçou Brizola — há quem jure que Lula aproveitou esse momento para murmurar um pedido de desculpas no ouvido de Brizola.

No final do ano passado, Brizola voltou a provocar: "O PT é um bichano que se põe no colo, mas pode morder". Lula revidou: "É muito difícil saber o que Brizola é ideologicamente. Na medida em que ele anuncia que é socialista moreno, uma coisa que não existe, ambigüa do ponto de vista ideológico, sou levado a crer que não existe essa definição". Mais adiante Lula criticou a aproximação de Brizola a empresários e militares: "Brizola está muito próximo do PFL. Entre Marco Maciel e Lula, prefere o Maciel; entre Covas e Joaquim Francisco, prefere o Joaquim". E encerrou a discussão iniciada por Brizola para que retirasse a própria candidatura, convidando o ex-governador para ser seu vice.

A briga continuou e Brizola disparou torpedos ao PT, à Igreja progressista e à CUT. Lula advertiu: "As forças de esquerda podem chegar ao segundo turno com feridas ainda não cicatrizadas". A advertência de nada valeu, pois o candidato do PDT sempre que podia desancava o PT e ironizava a candidatura da Frente Brasil Popular (PT, PSB, e PC do B). Chegou a

oferecer uma pasta de ministro para Lula, considerando-se no segundo turno, mas o petista respondeu que não faria o mesmo, caso eleito. E contra-atacou: "Se a questão da idade é sinônimo de competência, o Brizola deveria votar no Ulysses Guimarães".

Nos 60 dias que antecederam o 15 de novembro as críticas se acirraram. Lula acusou Brizola de não ter equilíbrio emocional para ser presidente e foi chamado pelo pedetista de "bobalhão". Disse mais ao adversário petista: "Ele não é confiável. Eu apalpo, apalpo e

sinto que ou há um mioma ou há dentes de jacaré".

Em meio ao fogo cruzado com os brizolistas, Lula procurou estreitar laços com os tucanos, ao contrário do final do ano passado, quando chegou a desestimular a candidatura Mario Covas: "Sinceramente não vejo muitas condições de ele concorrer à Presidência. Penso que, no meio da campanha, Mário Covas descobrirá que para ser candidato a presidente é preciso ter um partido mais sólido". A troca de elogios entre os dois ao longo da campanha foi vista como uma porta aberta para as negociações de segundo turno, mas ambos procuraram desconversar. "Ele tem tido um comportamento extraordinário no nível político, e essa troca de gentilezas é apenas o reconhecimento do caráter de uma pessoa", justificou Lula.

Enquanto o petista acusava Brizola de ter raiva da própria sombra, Collor seguia a campanha sem esconder um certo desprezo pelo candidato Maluf que aproveitava todas as oportunidades para ressaltar afinidades entre ambos. "O Collor provou que é inteligente quando votou em Maluf no Colégio Eleitoral", disse repetidas vezes referindo-se à eleição que perdeu para Tancredo Neves, em 1985. O desdém de Collor fez com que Maluf

partissem para pequenas agressões: "Eleição não é concurso de beleza nem de penteado". "O PRN é o PP, partido das pesquisas", ou, ainda, "Entre Collor e Maluf prefira o original".

A indiferença de Collor a Maluf e Afif não rendeu muitas declarações, mas houve uma que tocou fundo nos dois candidatos: "São crescimentos sem significação", garantiu Collor, ao comentar aos índices dos dois nas pesquisas de opinião. O candidato do PRN chegou até a usar o horário eleitoral gratuito para atacar o liberal Afif. Como o seu programa antecedia o do PL, Collor anunciava no final: "Vem aí o candidato que tirou zero na Constituinte, segundo o Diap, e que foi contra o direito de voto para os jovens de 16 anos". Afif revidou com uma carta à Nação na qual chamou Collor de moleque. Depois, classificou-o de covarde.

O candidato do PRN também recusou o apoio do ex-presidente Jânio Quadros — achou absurda a exigência de não atacar o presidente José Sarney — e não poupou governadores do PMDB. "Ele é anacrônico, equivocado, atrasado e preconceituoso", disse sobre Orestes Quércia, que considerou sua vitória "um risco à estabilidade democrática do País".

